

**NOTÍCIA DE TESES DEFENDIDAS E DISSERTAÇÕES
APRESENTADAS EM 2005, PESQUISAS EM
ANDAMENTO EM 2006, DISCIPLINA MINISTRADA
POR PROFESSOR CONVIDADO EM 2005**

Teses de doutorado defendidas em 2005 (pelo mês)

m a r ç o

Luís Augusto Schmidt Totti. *A magia no capítulo 35 do Livro I do Opus Agriculturae de Paládio*. Orientadora: Profa. Dra. Ingeborg Braren.

j u l h o

Mary Macedo de Camargo Neves Lafer. *Engenhos da sedução (estudo sobre o Hino Homérico a Afrodite)*. Orientadora: Profa. Dra. Filomena Yoshie Hirata.

a g o s t o

Elaine Cristina Prado dos Santos. *Estudo da unidade nas metamorfoses de Ovidio*. Orientadora: Profa. Dra. Ingeborg Braren.

s e t e m b r o

Antonio Gomes da Silva. *O discurso sensível - a narrativa mitopoética em Homero e as imagens da fúria de Aquiles*. Orientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco.

Isabella Tardin Cardoso. *Ars Plautina: metalinguagem em gesto e figurino*. Orientador: Prof. Dr. Antonio da Silveira Mendonça.

Dissertações de mestrado apresentadas em 2005 (pelo mês)

m a r ç o

Alexandre Pinheiro Hasegawa. *Os limites do gênero bucólico em Vergílio*. Orientadora: Profa. Dra. Angelica Chiappetta.

a b r i l

Tatiana Vieira Barcelos Farias. *Assembléia de mulheres: estudo e tradução*. Orientadora: Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte.

j u n h o

Erika Pereira Nunes Werner. *Os Hinos de Calímaco: poesia e poética*. Orientador: Prof. Dr. Antonio Medina Rodrigues.

s e t e m b r o

Bernardeth Oliver Guandaligni. *O exórdio dos diálogos de Cícero*. Orientadora: Profa. Dra. Angelica Chiappetta.

o u t u b r o

Tomislav Deur. *Considerações acerca da pureza e clareza em Cícero, De oratore, III.37-51*. Orientadora: Profa. Dra. Angelica Chiappetta.

d e z e m b r o

Fernando Rodrigues Junior. *Epopéia e poesia alexandrina: estudo e tradução do canto III dos Argonáutica de Apolônio de Rodas*. Orientadora: Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte .

Pesquisas em andamento em 2006 (por linha de pesquisa)

Narrativa greco-latina

As pinturas do templo de Juno e o Ciclo Troiano: imagem e memória épica na arquitetura da Eneida. Doutorando: Francisco Edi de Oliveira Sousa. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Das Narrativas verdadeiras de Luciano de Samósata: tradução, notas e estudo. Mestranda: Lucia Sano. Orientadora: Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte.

Entre os olhos e os ouvidos: a guerra civil entre César e Pompeu nas narrativas de Floro e Lucano. Mestrando: Gilson Charles dos Santos. Orientador: Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos.

Os Anais de Quinto Ênio: estudo, tradução e notas. Mestrando: Everton da Silva Natividade. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Ver e saber no livro I das Histórias de Heródoto. Mestranda: Ivonete de Souza Rabello. Orientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco.

Poesia lírica, satírica e didática

A guirlanda de sua guirlanda: epigramas de Meleagro de Gadara: tradução e estudo. Mestrando: Flavia Vasconcellos Amaral. Orientador: Prof. Dr. Christian Werner.

A lírica laudatória no livro quatro das Odes de Horácio. Mestrando: Érico Nogueira. Orientador: Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto.

A palavra ofertada: uma análise retórica e formal dos hinos gregos e da tradição hínica grega e indiana. Doutorando: José Marcos Mariani de Macedo. Orientadora: Profa. Dra. Paula da Cunha Corrêa.

A poesia pastoril: as Bucólicas de Virgílio. Mestrando: Marcio Luiz Moitinha Ribeiro. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

A presença clássica na poesia neolatina do humanista português Antônio de Gouveia.
Doutorando: Ricardo da Cunha Lima. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Apocolocintose do divino Cláudio: tradução, notas e comentários. Mestrando:
Frederico de Sousa Silva. Orientador: Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho.

As Epistulae ex Ponto de Ovídio: tradução dos livros I e II. Mestrando: Geraldo José Albino. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Confluência genérica na elegia erótica de Ovídio, ou a elegia erótica em elevação.
Mestranda: Cecília Gonçalves Lopes. Orientador: Prof. Dr. Paulo Martins.

Edição do manuscrito e estudo das Metamorfoses de Ovídio traduzidas por Francisco José Freire. Mestrando: Aristóteles Angheben Predebon. Orientador: Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto.

Imagens de Afrodite: variações sobre a deusa na mélica grega arcaica. Doutoranda:
Giuliana Ragusa de Faria. Orientadora: Profa. Dra. Paula da Cunha Correia.

Manílio. Astronômicas. Tradução, introdução e notas. Mestrando: Marcelo Vieira Fernandes. Orientadora: Profa. Dra. Ingeborg Braren.

Os fragmentos atenienses de Simônides. Um estudo das fontes epigráficas anteriores a 480 a.C. Mestrando: Robert Brose Pires. Orientador: Prof. Dr. Christian Werner.

Ovídio e o poema calendário: os Fastos, livro II, o mês das expiações. Mestranda: Maria Lia Leal Soares. Orientador: Prof. Dr. Christian Werner.

Pequena gramática poética de Marcial. Mestrando: Fábio Paifer Cairolli. Orientador:
Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto.

Ritmo e sonoridade na poesia grega antiga: uma tradução comentada de 23 poemas.
Mestrando: Carlos Leonardo Bonturim Antunes. Orientador: Prof. Dr. André Malta Campos.

7^a *Ode Olímpica de Píndaro: tradução e notas*. Mestrando: Alisson Alexandre de Araujo. Orientadora: Profa. Dra. Paula da Cunha Corrêa.

Uns epigramas, certas mulheres: a misoginia nos Epigrammata de Marcial (40 d.C - 104 d.C). Mestrando: Alexandre Agnolon. Orientador: Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto.

Teatro greco-latino

As enantiologias na Ifigênia em Áulis de Eurípidés. Mestranda: Paula Cristiane Ito. Orientador: Prof. Dr. José Antonio Alves Torrano.

Eunuchus de Terêncio: estudo e tradução. Mestranda: Nahim Santos Carvalho Silva. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Hércules furioso de Sêneca: estudo introdutório, tradução e notas. Mestrando: Luciano Antonio Bienvenido Spinelli Marchiori. Orientador: Prof. Dr. José Eduardo dos Santos Lohner.

Hércules no Eta: uma tragédia estoica de Sêneca. Doutorando: José Geraldo Heleno. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Iphigenia Aulidensis de Eurípidés: introdução, tradução e notas. Mestrando: Wilson Alves Ribeiro Junior. Orientadora: Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte.

O Díscolo: estudo e tradução. Mestrando: Helena de Negreiros Spinelli. Orientadora: Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte.

O mercador de Plauto: estudo e tradução. Mestranda: Damares Barbosa Correia. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

O sublime na tragédia grega. Doutorando: Mario Vitor Parreira Santos. Orientador: Prof. Dr. Antonio Medina Rodrigues.

O tema da felicidade no teatro de Sófocles. Doutorando: Orlando Luiz de Araújo.
Orientadora: Profa. Dra. Filomena Yoshie Hirata.

Os caminhos da paixão em Hipólito de Eurípidés. Doutorando: Fernando Crespim Zorrer da Silva. Orientador: Prof. Dr. José Antonio Alves Torrano.

Tragédia e história: análise d'Os persas de Ésquilo sob a luz das Histórias de Heródoto.
Mestrando: Luís Fernando Milan Muniz Cavalheiro. Orientador: Prof. Dr. José Antonio Alves Torrano.

Tykhe e caráter no Hipólito de Eurípidés. Doutoranda: Maria Cristina Rodrigues da Silva Franciscato. Orientador: Prof. Dr. Antonio Medina Rodrigues.

Discurso teórico greco-latino

A concepção de retórica e seus desdobramentos morais em Górgias de Platão. Mestrando:
José Augusto Arantes Junior. Orientador: Prof. Dr. José Antonio Alves Torrano.

A imagem feminina na Moralia: heroísmo e outras virtudes. Mestranda: Mariana Duarte
Silveira. Orientadora: Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte.

A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad familiares, I, 9, 23. Dou-
torando: Adriano Scatolin. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de
Almeida Cardoso.

A invenção platônica da dialética. Doutorando: Rodolfo José Rocha Rachid.
Orientador: Prof. Dr. José Antonio Alves Torrano.

*Aprender é recordar: conhecimento e aprendizagem por reminiscência no Mênon de
Platão.* Doutorando: Oscar de Lira Carneiro. Orientador: Prof. Dr. Henrique
Graciano Murachco.

*Estratégias de construção e de legitimação do ethos na causa veritatis: Miguel Servet e
as polêmicas religiosas do século XVI.* Doutoranda: Elaine Cristine Sartorelli.
Orientadora: Profa. Dra. Ingeborg Braren.

O Da invenção de *Marco Túlio Cícero: tradução e estudo*. Mestrando: Kabengele Ilunga. Orientador: Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos.

O De libero arbitrio de *Agostinho de Hipona*. Mestrando: Ricardo Reali Taurisano. Orientador: Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos.

O estudo da pueritia nos séculos I e II D.C. Doutoranda: Marly de Bari Matos. Orientadora: Profa. Dra. Ingeborg Braren.

O riso segundo Cícero e Quintiliano: tradução e comentários de *De oratore, 216-291 (De ridiculis) e da Institutio oratoria, Livro VI, 3 (De risu)*. Mestrando: Ivan Neves Marques Junior. Orientador: Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho.

Pólis: reflexo das almas humanas. *Contrato social, ética e cidadania no diálogo Críton de Platão*. Doutorando: Ricardo Leon Lopes. Orientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco.

Zeus e a poderosa indiferença. Doutoranda: Maria Lucia Gili Massi. Orientador: Prof. Dr. Antonio Medina Rodrigues.

Estrutura da frase grega e latina

Epístola de Paulo aos efésios: proposta de leitura linear. Mestrando: Moisés Olimpio Ferreira. Orientador: Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho.

Formação de palavras: Livro VIII da gramática de Varrão. Mestranda: Maria Lucilia Ruy. Orientador: Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho.

Implicações da métrica nas Odes de Horácio. Doutoranda: Heloisa Maria Moraes Moreira Penna. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Leis das Doze Tábuas: linguagem e contexto. Doutorando: Jânio Celso Silva Veiga. Orientador: Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho.

Os comentários de Sêrvio Honorato ao “Canto VI” da Eneida. Mestranda: Priscila de Oliveira Campanholo. Orientador: Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos.

Sobre a expressão. Doutorando: Guilherme Mello Barreto Algodal. Orientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco.

Notícia de
MARCOS MARTINHO
PPG Letras Clássicas
FFLCH/USP

Disciplina de pós-graduação ministrada por Professor Convidado em 2005

Entre 30 de maio e 18 de junho de 2005, o Prof. Dr. Marc Baratin, da Université de Lille 3 (França), atuou como Professor Convidado no PPG Letras Clássicas da FFLCH/USP com o apoio da FAPESP ministrando disciplina de pós-graduação e também participando de reuniões de discussão com os pesquisadores do Programa. Expressamos aqui a honra de tê-lo recebido em nosso Programa e registramos nossos agradecimentos à FAPESP, cujo apoio foi imprescindível para a realização das atividades do Professor Convidado. A seguir, apresenta-se informação sobre a disciplina ministrada.

Dados da disciplina:

nome e sigla da disciplina: “Un type particulier d’analyse syntaxique de la langue en tant que système. Apparition et évolution de la grammaire dans l’Antiquité, en particulier, dans l’Antiquité latine” (FLC 5990)

ministrante: Prof. Dr. Marc Baratin (Université de Lille 3, França)

local: FFLCH/USP

período: de 30 de maio a 18 de junho de 2005

promoção: PPG Letras Clássicas da FFLCH/USP

apoio: FAPESP

Apresentação da disciplina:

Em seis aulas, a saber: nos dias 31 de maio e 1º, 7, 8, 14 e 15 de junho de 2005, o Prof. Dr. Marc Baratin ministrou disciplina de pós-graduação (FLC 5990: *Un type particulier d'analyse syntaxique de la langue en tant que système. Apparition et évolution de la grammaire dans l'Antiquité, en particulier, dans l'Antiquité latine*) que tinha por objetivo explicar a formação e evolução da gramática latina, investigando as fontes gregas dos gramáticos latinos e o modo como estes empregaram os critérios dos gramáticos gregos, tais como uso e razão, e investigando as contribuições de outras disciplinas para a constituição da gramática, particularmente, as contribuições da lógica e retórica estoíca. Assim, Marc Baratin ministrou o conteúdo da disciplina: 1º distinguindo entre os ofícios originais dos gramáticos antigos e, daí, entre as lições de ortoepia e ortografia, de crítica filológica e de especulação gramatical, de modo a julgar da finalidade da *Arte* de Dionísio da Trácia e também dos critérios gramaticais de razão e uso empregados por Varrão e Apolônio Díscolo; 2º investigando os fundamentos estoícos da doutrina sintática de Apolônio Díscolo e Prisciano e assinalando a importância do estudo da doutrina das figuras para a compreensão daquela; 3º investigando a relação entre a doutrina sintática de Apolônio Díscolo e a lógica estoíca, tal qual se vê de Varrão e Agostinho. A disciplina é plenamente afim com projetos de pesquisa do PPG Letras Clássicas da FFLCH/USP, a saber: com os projetos “Gramáticos gregos e latinos: metaplasmos, figuras e tropos” e “Questões gramaticais tratadas por Quintiliano e Aulo Gélio”, que se filiam na Linha de Pesquisa “Estrutura da frase grega e latina”. Além disso, a disciplina atraiu pesquisadores de outros programas de pós-graduação interessados na historiografia lingüística, particularmente, pesquisadores do PPG Filologia e Língua Portuguesa e do PPG Lingüística da FFLCH/USP, pesquisadores do PPG Lingüística do IEL/UNICAMP e pesquisadores do Centro de Documentação em Historiografia Lingüística (CEDOCH) da FFLCH/USP.

Resumo da disciplina:

1ª aula (31/5/2005)

Muitos textos antigos testemunham do interesse dos gregos e romanos pela linguagem. A lógica, a gramática, a retórica disputam a primazia do tratamento da linguagem. Porém, houve uma época em que muito se discutiu a linguagem, mas de que se perderam quase todos os textos. Trata-se do séc. III-II a.C., em que os

filósofos estóicos discutiram as relações entre lógica e sintaxe, e os gramáticos alexandrinos estabeleceram os paradigmas da morfologia. Os gregos, monolíngües, têm a primazia da invenção, já os romanos, bilíngües, aprenderam a lidar com os problemas da comparação das línguas e adaptação dos termos e conceitos; assim, pode-se dizer que os gregos pensaram a língua, e os romanos, uma língua. Nesse sentido, aliás, pode-se dizer ainda que as questões dos gramáticos latinos se aproximam mais das dos lingüistas modernos.

Em Homero, de um lado, há a palavra do aedo, inspirada pela divindade e, daí, presente; de outro lado, há a trapaça, por exemplo, de Odisseu, comparada ao tecido, isto é, à trama. No séc. VI a.C., desenvolve-se a *mousiké*, estudo da palavra poética ou cantada. Os que a desenvolveram dividiram os sons em longos e breves, agudos e graves, voz e ruído, isto é, vogal e fricativa, e daí os sons que não são voz nem ruído, isto é, as constrictivas. Em Plat. *Crat.* 424 b-c, distinguem-se dois esquemas de encadeamento da linguagem, a saber: 1º elementos > sílabas > ritmo; 2º elementos > sílabas > *ónoma* e *rhêma* > *lógos*. Ora, a origem do segundo esquema remontaria ao estudo e ensino da leitura, pois, como se sabe, o texto grego não distinguia as palavras por espaços nem diacríticos, mas apenas pela análise do sentido. De fato, vê-se de um pergaminho do séc. III a.C. que as crianças aprendiam a ler por meio do recorte da frase em unidades de sentido parcial ou completo. Pois, no início, de acordo com o primeiro esquema, musical, a leitura foi dita *anagignóskein* “reconhecer”, porque era reconhecimento de texto previamente conhecido por via auditiva; depois, porém, foi necessário desenvolver-se um método de leitura apto a decodificar o texto desconhecido.

O resultado do trabalho dos gramáticos alexandrinos consumou-se em léxicos de termos dialetais, ou poéticos, ou inusitados, isto é, antiquados. De tais textos, porém, não chegaram a nós senão poucos e curtos fragmentos, quando não apenas títulos. Segundo Sexto Empírico, discutiu-se se a gramática era *tékhne* ou *empeiria*. Então, distinguiram-se o *historikón*, dedicado ao estudo dos casos analisados um a um, o que é próprio da *empeiria*, e o *tekhnikón*, dedicado ao estudo dos princípios gerais da gramática, o que é próprio da *tékhne*. Assim, segundo Varrão, o estudo das formas primitivas é histórico, uma vez que cada forma exige um estudo próprio, ao passo que o estudo das formas declinadas é técnico, uma vez que exige conhecimento antecipado das regras morfológicas que se aplicam a todas as formas.

Quintiliano e Sexto Empírico ajudam a reconstituir o teor das primeiras artes gramaticais. De fato, segundo Quintiliano, por exemplo, o estudo da língua divide-se, antes de tudo, em duas partes, a saber: em *recte loquendi scientia* e *poetarum*

enarratio, de que a primeira se subdivide igualmente em duas, a saber: 1ª componentes: letras > sílabas > categorias de palavras; 2ª correção: faltas contra a correção (= barbarismo e solecismo) e critérios de correção (= analogia, uso, anti-güidade). Alguns aventam a hipótese de que Apolodoro de Atenas (180-120 a.C.) teria levado a Pérgamo a *tékhnē perì phonês* de seu mestre estóico, Diógenes de Babilônia (240-150 a.C.), a qual teria sido a matriz das gramáticas posteriores. Porém, nesse texto, expõem-se primeiro os elementos e depois as categorias de palavras, ao passo que nas gramáticas posteriores todas se expõem entre aqueles e estas as sílabas, que aliás não oferecem nenhum interesse aos estóicos.

2ª aula (1/6/2005)

1. autores latinos de *ars grammatica*:

Dos gramáticos latinos que redigiram *ars grammatica* após Palemão (séc. I d.C.), podem-se mencionar os seguintes:

- a) ainda no séc. I d.C.: Escauro;
- b) séc. II d.C.: Carpo;
- c) séc. III d.C.: Romano, Cominiano, Sacerdote.

Os textos desses perderam-se, exceto o de Sacerdote; todos porém foram muito compulsados pelos gramáticos do séc. IV d.C., entre os quais contam-se os seguintes:

- d) séc. IV d.C.: Donato (350-360), Carísio (360-370), Diomedes (370-380).

Depois desses, compuseram artes gramaticais os seguintes:

- e) séc. V d.C.: Cledônio, Dositeu, Agostinho, Consêncio, Audaz;
- f) séc. VI d.C.: Prisciano, que se afasta dos anteriores.

2. plano de artes gramaticais latinas e também gregas:

Donato:

1ª parte: voz, letra, sílaba, pé, acento, pontuação

2ª parte: categorias de palavras

3ª parte: vícios (barbarismo, solecismo, *alia uitia*) e virtudes (metaplasmos, figuras, tropos)

Carísio:

L. I: letras, sílabas, categorias gramaticais (= caso, número, gênero), finais de palavras

L. II: categorias de palavras

L. III: observações suplementares sobre o verbo

L. IV: vícios e virtudes

L. V: torneios idiomáticos

obs.: A ordem das lições nem sempre é evidente; na verdade, Carísio justapõe lições de autores vários sobre cada caso da gramática.

Diomedes:

L. I: categorias de palavras, acompanhadas de longas observações sobre as categorias e os fins das palavras

L. II: dois encadeamentos: 1º letra > sílaba > palavra; 2º definição de gramática > definição de leitura > elementos de leitura

L. III: vícios e virtudes

obs.: Diomedes tenta fazer uma síntese dos autores anteriores; às vezes, é mesmo o único testemunho que temos de doutrinas muito antigas

Dionísio da Trácia:

Em 145 a.C., Dionísio da Trácia (170-90 a.C.), discípulo de Aristarco de Samotrácia (215-144 a.C.), deixa Alexandria para ir a Rodas, para lá viver até o fim da vida. Ora, em Rodas, já se estabelecera a escola estóica de filosofia com Panécio; lá, porém, Dionísio foi mestre de Tiranião, que posteriormente foi levado a Roma. Assim, pode-se supor que as lições gramaticais de Dionísio teriam sido introduzidas em Roma por Tiranião.

O plano da *Tékhnē* de Dionísio da Trácia é o seguinte:

1ª parte: 1) definição de gramática (em seis partes); 2) leitura (= 1ª parte da definição de gramática); 3) acento (= vinculado à leitura); 4) ponto (= vinculado à leitura); 5) rapsódia (= divisão do poema épico, cuja exposição rompe com o plano inicial, que, depois da exposição da leitura, prevê a exposição da etimologia e, daí, das outras quatro partes da definição);

2ª parte: elemento; sílaba longa; sílaba breve; sílaba comum; palavra

3ª parte: categorias de palavras: nome, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio, conjunção

obs.:

- a) apresenta-se o vocabulário gramatical, mas nada se diz das regras gramaticais; por exemplo, define-se o vocábulo “acusativo”, mas não se explica a regra de flexão do acusativo de cada declinação. Ora, a *Tékhnē* não seria um manual de gramática que se prestasse a ensinar a ler ou falar grego, mas um manual que ensinasse justamente a nomenclatura gramatical;
- b) em 1958-9, 1973 e 1995, Di Benedetto contestou a autenticidade da *Tékhnē*. Na verdade, tal questão remonta à Antigüidade, uma vez que já um escoliasta da *Tékhnē* nos adverte de que esse texto, na verdade, não é da autoria de Dionísio da Trácia, pelas seguintes razões: 1º o verbo é definido como desprovido de caso, significador de tempo, pessoa e número, expresso como ativo ou passivo; porém, Apolônio Díscolo afirma que Dionísio define o verbo como significador do predicado, à maneira dos estóicos; 2º distinguem-se oito categorias de palavras; porém, “alguns” teriam afirmado que Dionísio distingue *ónoma* e *prosegoría*, de modo a distinguir ao todo nove categorias de palavras, à maneira dos estóicos. Outros, porém, argumentam contrariamente, supondo que Dionísio teria mudado de opinião, passando da posição alexandrina à estóica. De fato, os problemas acima assinalados distinguem entre uma e outra posição, e Dionísio primeiro fora discípulo de Aristarco, alexandrino, e depois de Panécio, estóico. Já contra os que assinalam o fato de a *Tékhnē* não ser mencionada nos papiros, Erbse sustenta que aquela seria texto de alto nível técnico e, daí, não poderia mesmo constar em papiros gramaticais escolares. Porém, se o texto é técnico, não se compreende por que a *Tékhnē* não é mencionada por Apolônio Díscolo. Além disso, chama a atenção a ruptura da ordem da exposição prevista no primeiro capítulo da *Tékhnē*, o que faz supor uma junção de dois textos diversos. Ora, é possível que a *Tékhnē* seja um texto

tardio, do séc. IV d.C., não só pelo argumento *e silentio*, mas por reunir lições de doutrinas e épocas diferentes.

Diógenes de Babilônia:

Diógenes de Babilônia teria redigido uma *tékhnē perì phonês*, muito citada por Diógenes Laertes (DL VII “Zenão”), segundo a qual a lógica estóica se dividiria assim:

1. dialética

1.1. significante:

1.1.1. *phoné* (= som vocal)

1.1.2. *léxis* (= som vocal articulado, isto é, que pode ser escrito, mas não tem significado)

1.1.3. *lógos* (= som vocal articulado que tem significado):

a) categorias de palavras

b) virtudes (= helenismo, clareza, concisão, exatidão, elegância) e vícios (= barbarismo e solecismo)

c) formas do *lógos*:

c.1) *lógos* poético

c.2) *lógos* filosófico (= definição, descrição, divisão)

1.2. significado:

1.2.1. predicado

1.2.2. asserções modais

1.2.3. asserções complexas

2. retórica

obs.:

- a) segundo K. Barwik, as três partes de Donato corresponderiam às três partes da *phoné*, da *léxis*, que se divide em elementos, e do *lógos*, que se divide em categorias e também em virtudes e vícios, de modo que, de Diógenes de Babilônia (150 a.C.) até Donato (350 d.C.), nada teria mudado na gramática... Daí,

Barwik supõe que duas artes gramaticais teriam sido redigidas: uma, estóica, em Pérgamo, e a outra, de Dionísio da Trácia, em Alexandria, e que daí aquela teria passado a Roma, onde teria sido empregada no ensino escolar, e esta teria sido usada por Paleão. A tal tese, porém, duas objeções podem fazer-se, a saber: 1º em Donato, entre o elemento e a palavra, descreve-se a sílaba, que é caso gramatical, de todo estranho à perspectiva lógica dos estóicos; 2º as virtudes e vícios dos estóicos correspondem à propriedade da linguagem, ao passo que as de Donato correspondem não só à propriedade, mas também à morfologia e sintaxe;

- b) entre o séc. I e III d.C., o material gramatical teria padecido grande desorganização entre os gramáticos latinos. Pois, antes de tudo, estes, que a princípio haviam deixado de lado a métrica, confundiram depois as exposições morfológica e métrica, isto é, os dois encadeamentos do *Crátilo* de Platão. Demais, o estudo da propriedade da linguagem não tem referência externa entre os gregos, isto é, esses distinguem torneios gregos uns dos outros, mas não distinguem torneios gregos de torneios estrangeiros; os latinos, porém, procedem a ambas as distinções.

3ª aula (7/6/2005)

1ª parte da aula: critérios de correção

A sistematização da gramática suscitou alguns problemas. Sexto Empírico diz que a gramática obedece ao uso ou à analogia. De fato, a analogia não basta, porque muitas expressões, bem que usuais, não obedecem à razão, de maneira que deveriam ser consideradas viciosas; por exemplo, a expressão: *Athênai kalè pólis*, em que o nome *pólis*, singular, não corresponde ao nome *Athênai*, plural. O problema da sistematização revela-se nas definições de gramática do séc. II d.C., que oscilam entre *empeiria* e *tékhnē*.

Varrão atenta no modo como usam da língua o *populus*, isto é, o conjunto de indivíduos, e os *singuli*, isto é, os indivíduos avulsos. Diz então que o conjunto de indivíduos deve usar da analogia em todas as palavras, mas os indivíduos avulsos, orador ou poeta, devem usar da analogia de modo particular, na medida em que o orador não está obrigado a usar dela em toda parte, e o poeta tem permissão para dispensá-la de todo (LL IX 5-6). Em suma, de um lado, o *populus* corresponderia

à *ratio*; os *singuli*, à *consuetudo*; o poeta, à poética analogia (LL X 74, 77-8); de outro lado, o orador observaria apenas o uso, e o poeta, nem o uso nem a racionalidade (LL IX 5, 16 - 6, 17):

	<i>Ratio</i>	<i>consuetudo</i>
<i>populus</i>	+	-
<i>singuli</i>	+	+
<i>orator</i>	-	+
<i>poeta</i>	-	-

2ª parte da aula: patologia das palavras

A patologia das palavras já é referida no *Crátilo* de Platão e, depois, na *Poética* de Aristóteles. Posteriormente, os gramáticos latinos descreveram a patologia por quatro operações, a saber: por adição, subtração, substituição e permutação. De acordo com as mesmas operações, os gramáticos gregos, por sua vez, distinguem os dialetos uns dos outros. Apolônio Díscolo identifica as quatro operações em quatro níveis da linguagem, a saber: nas letras, sílabas, palavras e oração. Prisciano segue Apolônio Díscolo, não porém sem modificar a distinção entre razão e uso feita por este. Prisciano redigiu, a princípio, uma gramática que obedece ao plano tradicional, de modo a tratar letras, sílabas e palavras nos “Livros I-XVI”, e construção nos “Livros XVII-XVIII”; o todo, porém, é diferente tanto de Apolônio, que se restringe à construção, quanto de Donato, que não ultrapassa as palavras. Pois, para Prisciano, a *consequentia* observa-se em todos os níveis da língua. Assim, a consignificação, por exemplo, que Prisciano tira de Apolônio, compara-se ao que se vê já ao nível das letras. Pois assim como há os sons que por si produzem a *uox*, isto é, as vogais, e os que devem ligar-se a estas para perfazer o mesmo, isto é, as consoantes, assim também há as palavras que por si já significam algo, por exemplo: “Bom!”, e as palavras que só podem significar algo quando construídas com outras. Assim também, o princípio da *ratio sensus*, Apolônio restringe-o, mas Prisciano expande-o, aplicando-o a todos os níveis da língua, de tal modo que não seja possível cometer erro gramatical; por exemplo, em: *Pars in frustra secant* (Verg. *Aen.* I 212), o sujeito está no singular, mas o verbo no plural; porém, na medida em que faz sentido, a frase toda obedece à *ratio sensus* e, daí, é correta.

4ª aula (8/6/2005)

1ª parte da aula: patologia das palavras (continuação)

Segundo Prisciano (IG XVIII), assim como as letras formam a sílaba, assim as palavras formam a oração, de acordo com quatro operações, a saber: de acordo com *adiectio*, *detractio*, *transmutatio* e *immutatio*. Assim como a composição da palavra tem de ser perfeita, assim a da oração. Ora, para que seja perfeita, a oração deve possuir nome e verbo. Aliás, segundo Prisciano, não é por outra razão, senão porque o nome e o verbo são essenciais à oração, que os mais sábios autores de gramática os arrolaram nas duas primeiras posições da lista das partes da oração. Prisciano supõe a distinção estoíca de *lektòn autotelés* “enunciável perfeito” e *lektòn ellipés* “enunciável elíptico”. Na verdade, os estoícos distinguem primeiro significante e significado e, daí, dividem o significante em *phoné*, *léxis* e *lógos*, e o significado, em predicado, asserção e enunciados não assertivos, isto é, modais (= exortação, ordem, etc.), e asserção complexa. De fato, ao passo que Aristóteles põe nome e verbo no mesmo nível, os estoícos contudo consideram-nos diferentemente, de modo que, se só há nome, não há enunciado, e, se só há verbo, há enunciado, embora incompleto. Assim, só a essa distinção estoíca poderia servir aquela outra, de *lektòn autotelés* e *lektòn ellipés*. Seja como for, Prisciano, após demonstrar o caráter essencial do nome e verbo, arrola as demais partes da oração; por exemplo, considera o pronome e o particípio importantes por substituírem, justamente, o nome e o verbo; já a importância da preposição decorre disso de ela combinar-se tanto com o nome quanto com o verbo. Assim, como diz Prisciano, cada parte da oração define-se e importa pela relação que estabelece com o nome e o verbo (IG XVII).

A propósito das distinções estoícas adotadas por Prisciano, vale mencionar a transmissão latina daquelas, feita provavelmente com o *Da dialética* de Varrão, que se perdeu, mas que pode ser de algum modo reconstituído a partir do *Da dialética* de Agostinho. Ora, este, quando de sua conversão, planejou redigir uma enciclopédia cristã, isto é, uma coleção de textos dedicados a diferentes artes e disciplinas. O projeto não se concluiu, porque Agostinho redigiu apenas um texto de gramática, que se conservou parcialmente, e a introdução de um texto de dialética. Este, como se disse, dependeria do *Da dialética* de Varrão, que se perdeu e que, por sua vez, dependeria de alguma arte dialética estoíca desconhecida. Nele, Agostinho distingue:

1. palavras elementares

1.1. enunciados incompletos

1.2. enunciados completos

1.2.1. enunciado não-assertivo

1.2.2. enunciado assertivo

a) asserção simples

b) asserção complexa

2. palavras combinadas

Assim, chama a atenção, de um lado, que as distinções de Agostinho coincidam com as estóicas, e que a distinção de enunciado incompleto e completo, em particular, coincida com a estóica de predicado e asserções. De outro lado, ao passo que para os estóicos o predicado incompleto é composto apenas de verbo, para Agostinho, todavia, o enunciado incompleto é composto apenas de nome.

2ª parte da aula: a conjunção

Entre os antigos, as definições de conjunção variam muito. Aristóteles, por exemplo, atenta na função coesiva e na falta de significação da conjunção. Os estóicos, por sua vez, atentam na função coesiva, mas nada dizem do significado da palavra; porém, quando definem as asserções complexas, dizem que elas são formadas com o auxílio das conjunções, que todavia não pertencem a nenhuma das asserções por ela conectadas. Dionísio da Trácia, por sua vez, diz que a conjunção é palavra que unifica o pensamento organizando-o, isto é, determinando o antecedente e o conseqüente de uma asserção complexa e, ademais, demonstrando o vazio da expressão (*kai tò hermeneías kékhenos deloûsa*), o que significaria que a conjunção indica um significado, sim, mas um que não é seu, e sim da seqüência da asserção simples.

Em Prisciano há análises surpreendentes das conjunções; por exemplo, da conjunção *quando* (XVII). Ele diz que, se tem significado temporal, *quando* é advérbio, que pode ser interrogativo (*quando uenisti?*), ou relativo (*quando eram iuuenis, peccauit*), ou indefinido (*quando ueniam, faciam*); se porém tem significado causal, é conjunção (*fabor enim, quando haec te cura remordet*). É para perguntar, porém, por que Prisciano põe o segundo e terceiro exemplo ao lado do primeiro, adverbial, e não do quarto, conjuncional. A resposta talvez se veja do critério adotado por Prisciano, que é semântico. Pois, ao significar tempo, *quando* partilha de um significado próprio do verbo, ou melhor, da desinência deste, ao passo que, ao significar causa, possui um significado estranho ao verbo. Ora, diz Donato que o advérbio está para o verbo, assim como o adjetivo para o nome; logo, uma palavra só partilha do significado do verbo quando é, por assim dizer, adjetivo deste, ou melhor, advérbio.

Prisciano ainda distingue categorias de conjunções que correspondem às quatro operações da patologia da palavra, a saber:

copulatiuae: et (= *adiectio*)

disiunctiuae: aut, neque (= *detractio*)

causales: si (= *transmutatio*)

rationales: ergo, quia (= *transmutatio*)

expletivae: quidem, saltem (= *immutatio*)

5ª aula (14/6/2005)

Entre os antigos, o termo dialética aplica-se tanto ao que concebeu Aristóteles, e que culminou com a lógica moderna, quanto ao que conceberam os estoícos. A unidade dos textos lógicos do *órganon* aristotélico é posterior a Aristóteles. De acordo com ela, porém, explicam-se primeiro tópicos que permitam discutir qualquer caso, sem incorrer em contradição, de um lado, e forçando o interlocutor a contradizer-se, de outro lado; de maneira que o estudo dos tópicos seria um estudo da técnica do diálogo. Depois, distinguem-se o *kategórema* e o *hypokeímenon* e, daí, estudam-se as relações entre um e outro, por exemplo, a definição, o gênero, o próprio, o acidente.

A dialética dos estoícos, por sua vez, visa a estudar todos os procedimentos que fazem parte da linguagem, dividindo-os assim:

lógica:

1. dialética (por perguntas e respostas: visa ao verdadeiro e falso)
2. retórica (por discurso contínuo: visa ao verossímil)

É Diógenes Laertes (VII 43-83) que resume a dialética estoíca de acordo com a exposição canônica de Díocles de Magnésia (séc. I a.C.), assim:

lógica:

1. dialética:

1.1. significante:

- a) *phoné*
- b) *léxis* (= *stokheía*: vogais e não-vogais)
- c) *lógos*
- d) *mére toú lógou* (= nome comum, nome próprio, verbo, conjunção, artigo[, advérbio])

virtudes (= helenismo, clareza, concisão, justeza, elegância) e vícios (= barbarismo e solecismo)

- e) formas (= poética ou definição, divisão, repartição, descrição)

1.2. significado:

- a) predicado (= pessoa [= 1ª e 2ª pessoa vs. 3ª pessoa], valência [= transitiva ou intransitiva vs. pessoal ou impessoal], diátese [= ativa ou passiva])
- b) asserções (= não-assertivas [= questão, exortação], simples [= afirmação, privação], complexa)

2. retórica

A tradição consagrou um sistema lógico de fundo aristotélico, graças à transmissão e comentários de Porfírio (*Isagoge*), Apuleio (*Peri hermeneías*), Mário Vitorino,

Marciano Capela, Cassiodoro, Boécio. Agostinho (*De dialectica*), porém, transmite doutrina lógica de fundo estóico, que depende da exposição de Varrão. Tal é o plano da dialética de Agostinho:

1. elementos (*uerba simplicia*)

1.1. *de loquendo*

1.1.1. *uerbum*

a) *origo*

b) *uis*

c) *declinatio* (= derivação e flexão)

d) *ordinatio* (= combinação)

1.1.2. *dicibile* (= significados possíveis do *uerbum*)

1.1.3. *dictio* (= *uerbum* considerado de acordo com o uso, isto é, de acordo com cada significado)

1.1.4. *res*

2. combinações (*uerba coniuncta*)

2.1. *de eloquendo* (= proposição não-assertiva)

2.2. *de proloquendo* (= asserção simples)

2.3. *de proloquiorum summa* (= asserção complexa)

Desse sistema todo, porém, Agostinho de fato expõe tão-só *origo* e *uis uerbi*; isso, porém, porque a lógica estóica, que a princípio tratara toda a linguagem, depois se teria restringido a tratar apenas o significado, e não mais as palavras. Seja como for, a divisão do *de loquendo* em *uerbum dicibile*, *dictio* e *res* seria própria de Agostinho, senão de Varrão, que teria composto seu *De dialectica* como parte da exposição maior das *disciplinae*, tal qual, depois, Agostinho. Porém, o plano do *De dialectica* parece identificar-se com o do *De lingua latina* de Varrão. Ora, este compunha-se de vinte e cinco livros, ou melhor, de um livro introdutório e quatro hêxades. Na primeira hêxade, tratava-se a etimologia (= *origo*) e semântica (=

uis); na segunda, a *declinatio*; na terceira, a *ordinatio*; na quarta, as combinações das palavras estabelecidas ao nível do enunciado (= *uerba coniuncta*). Daí, porém, a um mesmo plano obedeceriam duas obras de natureza distinta: uma lógica, e a outra gramatical. Ora, a par do *De lingua latina*, Varrão ainda teria redigido um *De sermone latino*, que todavia não sobreviveu. Ora, quiçá Varrão teria examinado o discurso, naquele, do ponto de vista lógico, e neste, do ponto de vista gramatical. Assim, teria redigido primeiro aquele (45-44 a.C.), e depois este (ca. 30 a.C.), sempre obedecendo a um mesmo plano, que remontaria a algum tratado grego de dialética estóica.

Também Marciano Capela divide a dialética à maneira dos estóicos. Assim, divide-a em seis partes, das quais todavia trata apenas quatro:

1ª *de loquendo*: resumo de Porfírio, *Isagoge*, e Aristóteles, *Categorias*, acrescido de alguns elementos, por exemplo, dos *aliena uerba* (= metáfora e catacrese), descritos de acordo com os critérios da *similitudo*, *contrarium* e *propinquitas*, os mesmos, pois, de que se serve Agostinho para explicar a etimologia estóica (= *similitudo*, *contrarium* e *uicinitas*);

2ª *de eloquendo*; 3ª *de proloquendo*; 4ª *de proloquiorum summa*: três partes correspondentes a Aristóteles, *Primeiros* e *Segundos analíticos*;

5ª *de iudicando*: julgamento dos poemas, o que seria parte da gramática, tal qual definida por Dionísio da Trácia;

6ª *de <dicendo>*: retórica.

Assim, com a 5ª e 6ª parte, Marciano Capela incluiria numa única exposição tudo quanto respeita ao discurso, isto é, além da lógica, a gramática e a retórica, à maneira, pois, dos estóicos gregos mais antigos.

6ª aula (15/6/2005)

1ª parte da aula: sobre as figuras

Quintiliano distingue, primeiro, figuras gramaticais, que corresponderiam aos solecismos; depois, figuras de elocução a que chama tropos, a saber: 1º plural

majestático; 2º singular referido a coletivo; 3º parêntese; enfim, figuras de retórica que diz quase terem perdido o estatuto de figuras. Ora, Quintiliano considera que figura é: 1º o que se afasta do modo habitual de falar; 2º descontinuidade relativa às partes do discurso.

Da definição de figura de Quintiliano dependeria a de Prisciano. De fato, este diz que as palavras devem concordar em acidentes, que são o número, caso, gênero; em outras palavras, define a *katallélotes* ou *akolouthía* de Apolônio Díscolo (GL III p. 182, l. 22 - p. 183, l. 16) e, depois, expõe seis figuras. Ora, antes de tudo, chama a atenção que exposição de Prisciano ocupe tão-só seis linhas, ao passo que, nos demais gramáticos e rétores, ocupe todo um capítulo, senão um tratado. Em segundo lugar, todas as figuras expostas por Prisciano respeitam ao critério da coerência gramatical. Em terceiro lugar, algumas são obscuras. Em quarto lugar, Prisciano não recorre a essas figuras no resto das *Instituições gramaticais*. Enfim, qual seria o fundamento de tal exposição? O problema das figuras de Prisciano manifesta-se mais tarde, no séc. XVI, quando se apresentam de modo indistinto tanto as figuras de Prisciano quanto as figuras propriamente ditas (cf. Perotti [1473], Nebrija [1492], Despautério [1509-1519])

2ª parte de aula: a noção de sujeito

Entre os antigos, houve hesitação entre considerar o sujeito uma palavra da asserção, ou toda a asserção. A propósito, Alexandre de Afrodísias refere certa questão presente nos comentários aos *Primeiros analíticos* de Aristóteles, isto é, a questão relativa à negação. Dada a asserção: “Sócrates é branco”, Aristóteles considera a seguinte negação: “Sócrates não é branco”, já os estóicos consideram outra, em que a negação incide sobre toda a asserção, assim: “não [é verdade que] Sócrates é branco”. Pois para os estóicos a relação entre a afirmação e a negação deve ser tal que, se uma for verdadeira, a outra seja falsa, e que seja impossível ambas serem falsas ao mesmo tempo. Assim, dada a asserção: “Cálias anda”, não é verdade que a asserção: “Cálias não anda”, seja a negação daquela, uma vez que, se Cálias não existe, ambas as asserções são falsas ao mesmo tempo. Por isso, os estóicos tiveram de resolver, por exemplo, a asserção: “Sócrates morreu”, na medida em que, se morreu, já não existe, mas, se existe, a asserção não é nem verdadeira nem falsa. Assim, sugeriram que a asserção fosse como a declinação ou flexão de tempo da asserção: “Sócrates morre”, que significa: “existe certo Sócrates que está

a morrer”. Assim, a noção de tempo não se concentraria no verbo, mas se estenderia por toda a asserção.

Bibliografia da disciplina:

1. fontes primárias:

APOLLONIUS DYSCOLE. *De la construction (syntaxe)*. Introduction, texte et traduction par Jean Lallot. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1997. 2 v.

_____. *Traité des conjonctions*. Introduction, texte et traduction par C. Dalimier. Paris: J. Vrin, 2001.

Grammatici Latini. Ex recensione Henrici Keilii. Lipsiae: Teubner, 1855-74. 7 v.

HOLTZ, L. *Donat et la tradition de l'enseignement grammatical*. Paris: CNRS.

La grammaire de Denys le Thrace. Traduite et annotée par J. Lallot. 2 ed. Paris: CNRS Éditions, 1998.

2. bibliografia secundária:

AUROUX, S. (dir.) *Histoire des idées linguistiques*. Liège-Bruxelles: Mardaga, 1989-92. 2 t.

BARATIN, M. *La naissance de la syntaxe à Rome*. Paris: Éditions de Minuit, 1989. 544 p.

BARATIN, M.; DESBORDES, F. *L'analyse linguistique dans l'Antiquité classique*. Paris: Klincksieck, 1981. 269 p.

BLANK, D.L. “Analogy, anomaly and Apollonius Dyscolus”. In: EVERSON, S. (ed.) *Language (Companions to ancient thought 3)*. Cambridge: 1994. p. 149-69.

COLLART, J. et al. *Varron, grammaire antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978.

COLOMBAT, B. et al. Les parties du discours. *Langages*. Paris, n. 92, 1988.

COLOMBAT, B. *Les figures de construction dans la syntaxe latine (1500-1780)*. Paris / Louvain: BIG / Peeters, 1993.

_____. (ed.) Corpus représentatif des grammaires et des traditions linguistiques (I, Tradition occidentale). *Histoire, épistémologie, langage*. Paris, n.2, 1998. 536 p.

DESBORDES, F. *Idées romaines sur l'écriture*. Lille: 1990. 295 p.

- DI BENEDETTO, V. Dionisio Trace e la Techne a lui attribuita. *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa. Lettere, Storia e Filosofia*. Pisa, serie 2, v. 28, p. 87-118, 1959.
- _____. La Techne spuria. *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa. Classe di Lettere e Filosofia*. Pisa, serie 3, v. 3, p. 797-814, 1973.
- _____. At the Origins of Greek Grammar. *Glotta*. Göttingen, n. 68, p. 19-39, 1990.
- FREDE, M. "The Origins of Traditional Grammar". In: BUTTS, R.E.; HINTIKKA, J. (ed.) *Historical and Philosophical Dimensions of Logic, Methodology, and Philosophy of Science*. Dordrecht: 1977. p. 609-637.
- _____. "Principles of Stoic Grammar". In: RIST, J.M. (ed.) *The Stoics*. Berkeley: 1978. p. 27-75.
- LALLOT, J. Études sur les grammairiens grecs. *Histoire Epistémologie Langage*. Paris, n. 7 /1, 1985.
- _____. "La quête de rationalité dans la grammaire alexandrine". In: ARGOU, G.; GUILLAUMIN, J.-Y. (ed.) *Sciences exactes et sciences appliquées à Alexandrie*. Saint-Étienne: 1998. p. 397-403.
- LAMBERT, C. *La grammaire latine selon les grammairiens latins du IVe et du Ve s.* 1908.
- LAW, V.; SLUITER, I. (ed.) *Dionysius Thrax and the tékhne grammatiké*. Münster: 1995. 160 p.
- PINBORG, J. Classical Antiquity: Greece. *Current trends in linguistics*. Paris, Mouton, v. 13, p. 69-126, 1975.
- _____. Speculative grammar. In: KENNY, A.; KRETZMANN, N.; PINBORG, J. (ed.). *The Cambridge History of later medieval philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. p. 254-69.
- ROBINS, R. H. *Ancient & mediaeval grammatical theory in Europe*. London: G. Bell & Ss Ltd., 1951.
- _____. *A short history of linguistics*. 2 imp. London / Harlow: Longmans, Green and Co. Ltd., 1969.
- ROSIER, I. (ed.) *L'héritage des grammairiens latins de l'antiquité aux lumières. Actes du colloque de Chantilly 2-4 septembre 1987 (=Bibliothèque de l'Information grammaticale)*. Louvain: Éditions Peeters.

SLUITER, I. *Ancient Grammar in Context. Contributions to the Study of Ancient Linguistic Theory*. Amsterdam: 1990.

SWIGGERS, P.; WOUTERS, A. (ed.) *Grammatical Theory and Philosophy of Language in Antiquity (Orbis Supplementa 19)*. Leuven: Peeters, 2002. 347 p.

–. *Syntax in Antiquity (Orbis Supplementa 23)*. Leuven: Peeters, 2004. 304 p.

Notícia de
MARCOS MARTINHO
PPG Letras Clássicas
FFLCH/USP